

# O Segredo do Douanier Rousseau

*Remexendo na própria infância, um amador do mundo das artes solucionou um antigo mistério*

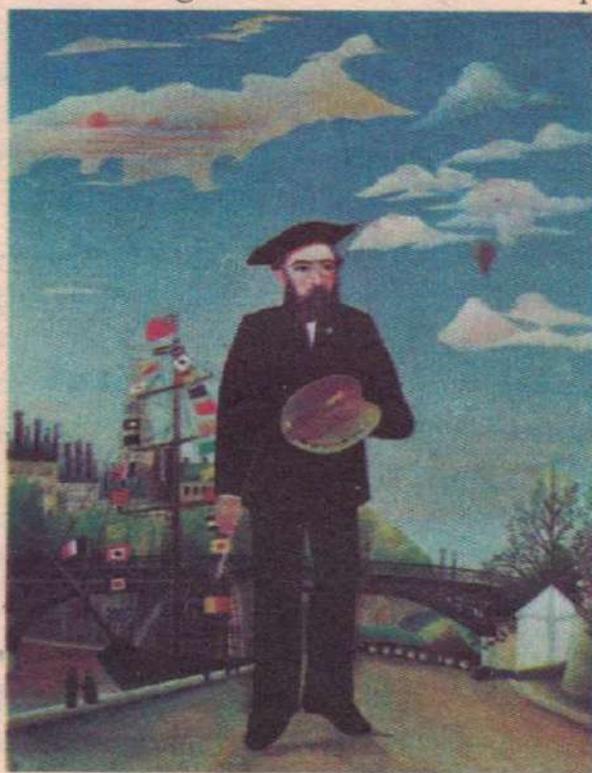
YANN LE PICHON

**E**u tinha 20 anos quando, visitando o Museu de Basileia, na Suíça, me detive diante de uma tela de Henri Rousseau, mais conhecido como o Douanier Rousseau, por haver sido funcionário da alfândega no tempo em que ainda se pagava pedágio para entrar em Paris. Olhando a tela—*Negro Atacado Por Onça*—ocorreu-me a estranha sensação de já a ter visto antes. Mas onde teria sido? A sensação começou a perseguir-me de tal maneira que passei os dias seguintes investigando teimosamente tôdas as biografias dêsse

naïve francês que me caíam nas mãos.

As suas telas, hoje, alcançam preços espantosos. Em outubro do ano passado, um americano pagou 745.000 dólares por *Paisagem Exótica* — o mais alto preço jamais pago por

um pintor do século XX — mas, em vida, Rousseau conheceu mais tristezas que alegrias: largou o ginásio no meio, em Laval, onde nasceu, em 1844; foi um soldado medíocre do 51.º Regimento de Infantaria, entre 1864 e 68, e um humilde funcionário público nos 20 anos seguintes. Havia perdido seis filhos e duas



HELD-COPYRIGHT S. P. A. D. E. M. PARIS

*Auto-retrato do Douanier Rousseau  
Galeria Nacional, Praga*

mulheres quando, aos 42 anos, exibiu as suas primeiras telas no Salão dos Independentes. Foram recebidas gèlidamente pela crítica e pelo público, e foi sòmente nos últimos 10 anos da sua vida que outros gênios, ainda obscuros, como o poeta Guillaume Apollinaire e Pablo Picasso, o descobriram e começaram a falar do seu talento — o que não impediu que êle morresse em Paris, em 1910, na mais negra miséria.

Depois de uma semana de pesquisas, no entanto, eu ainda nada descobrira que pudesse esclarecer-me sòbre a curiosa familiaridade que a tela de Basiléia me inspirara. Sùbitamente, certa noite, algo encaixou na minha memória. Lembrei-me das minhas primeiras aulas de piano, em Cherburgo, com Mlle. Jeanne Bernard.

Tôdas as quintas-feiras à tarde, quando entrava na sua sala, ela fazia-me sentar num vasto sofá Louis-Philippe e, para me manter quieto até chegar a minha vez, dava-me um álbum para folhear. Era um livro grande, amarelado pelo tempo, e as suas ilustrações jamais perderam o fascínio para mim. O título era *Animais Selvagens: Aproximadamente 200 Interessantes Ilustrações Sòbre a Vida Animal, Com Texto Instrutivo*. Lembrava-me agora da gravura de uma onça saltando sòbre o guarda do jardim zoológico. As posições do homem e da fera eram exatamente as mesmas da tela de Basiléia. Mas a ação no quadro famoso desenvol-

via-se em meio a uma luxuriante floresta tropical e o guarda havia sido transformado num negro. Teria a velha gravura servido de modêlo para Rousseau?

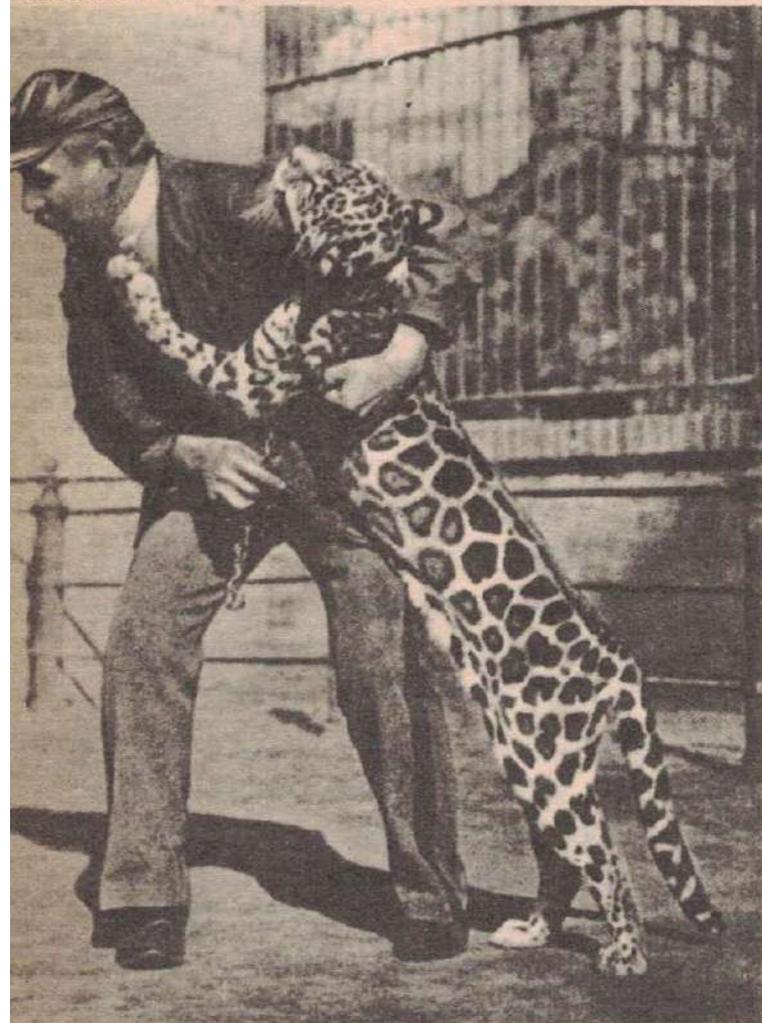
Por que não? Quando criança, muitas vèzes me disseram que Mlle. Bernard era neta do grande pintor. Eu estava no limiar de uma importante descoberta na história da arte.

Alguns dias depois, entrei na sala de Mlle. Bernard, em Cherburgo, e nada havia mudado. O álbum *Animais Selvagens* estava no seu lugar na estante. Mlle. Bernard contou-me que havia sido publicado para crianças, pelas Galerias Lafayette, na virada do século, e que sua mãe o encontrara no estúdio de Rousseau, em Paris, pouco depois da sua morte.

Mlle. Bernard imediatamente concordou com a minha tese de que os animais que povoavam as telas de Rousseau eram os mesmos do álbum que haviam enchido de emoções a minha infância. Mas gerações de admiradores, biógrafos e museólogos haviam aceitado a afirmação do pintor de que participara da expedição organizada por Napoleão III ao México, a fim de impor Maximiliano da Áustria como imperador, e que dessa viagem trouxera as cenas que o haviam inspirado. Um poema de Apollinaire era muito citado para confirmar a afirmação:

Você recorda, Rousseau, a terra  
asteca,  
Campos onde o abacaxi e a manga

FOTO DO ALBUM «ANIMAIS SELVAGENS»



*Guarda do jardim zoológico  
brincando com filhote de onça*

crescem selvagens,  
Onde macacos espalham o sangue  
das melancias  
E do imperador louro que mor-  
reu ali.  
Você viu no México os quadros  
que pintou.

Mlle. Bernard, no entanto, era uma testemunha mais segura, e também mais cética. Garantiu-me que a família do pintor sempre achara que a sua viagem ao México era pura imaginação. «Não seria a primeira mentira de vovô», acrescentou, «e nem a última.»

Contra a opinião dos críticos,

seguí a pista que o álbum revelara. Pouco a pouco, as provas foram-se acumulando. Acabei encontrando toda a fantástica fauna do Douanier Rousseau, quase nas mesmas poses, primeiro em álbuns de gravuras, depois nos grandes museus do mundo. Em *O Sonho*, cheguei a reconhecer o sofá de Mlle. Bernard, de onde uma mulher nua olha horrorizada a floresta à sua volta. No Ministério da Guerra, encontrei registros oficiais provando que o soldado Henri Rousseau jamais pôs os pés no México.

Gradualmente, fui percebendo que a maioria das telas de Rousseau, sobre animais ou não, começava em fotografias, clichés ou cartões-postais. *Guerra*, por exemplo, foi inspirada por um cliché publicado pelo jornal *L'Egalité*, edição de 6 de outubro de 1889: *Caçada ao Tigre* foi tirada de um desenho publicado pelo jornal *L'Univers Illustré*, no dia 4 de maio de 1895; *A Alfândega* reproduz uma fotografia da época. *O Carrinho de Papa Juniet* foi copiada da fotografia de um amigo da família.

Por um acaso extraordinário, eu descobrira um segredo até então desconhecido dos historiadores da arte. Em 1961, numa retrospectiva da obra de Douanier Rousseau na Galeria Charpentier, em Paris, submeti a minha descoberta do álbum *Animais Selvagens* aos leitores da conhecida revista francesa *Arts*. A crítica internacional admitiu que o livro lançava nova



COLORPHOTO HINZ — COPYRIGHT S. P. A. D. E. M. PARIS

Negro Atacado Por Onça  
*Kunstmuseum, Basileia*

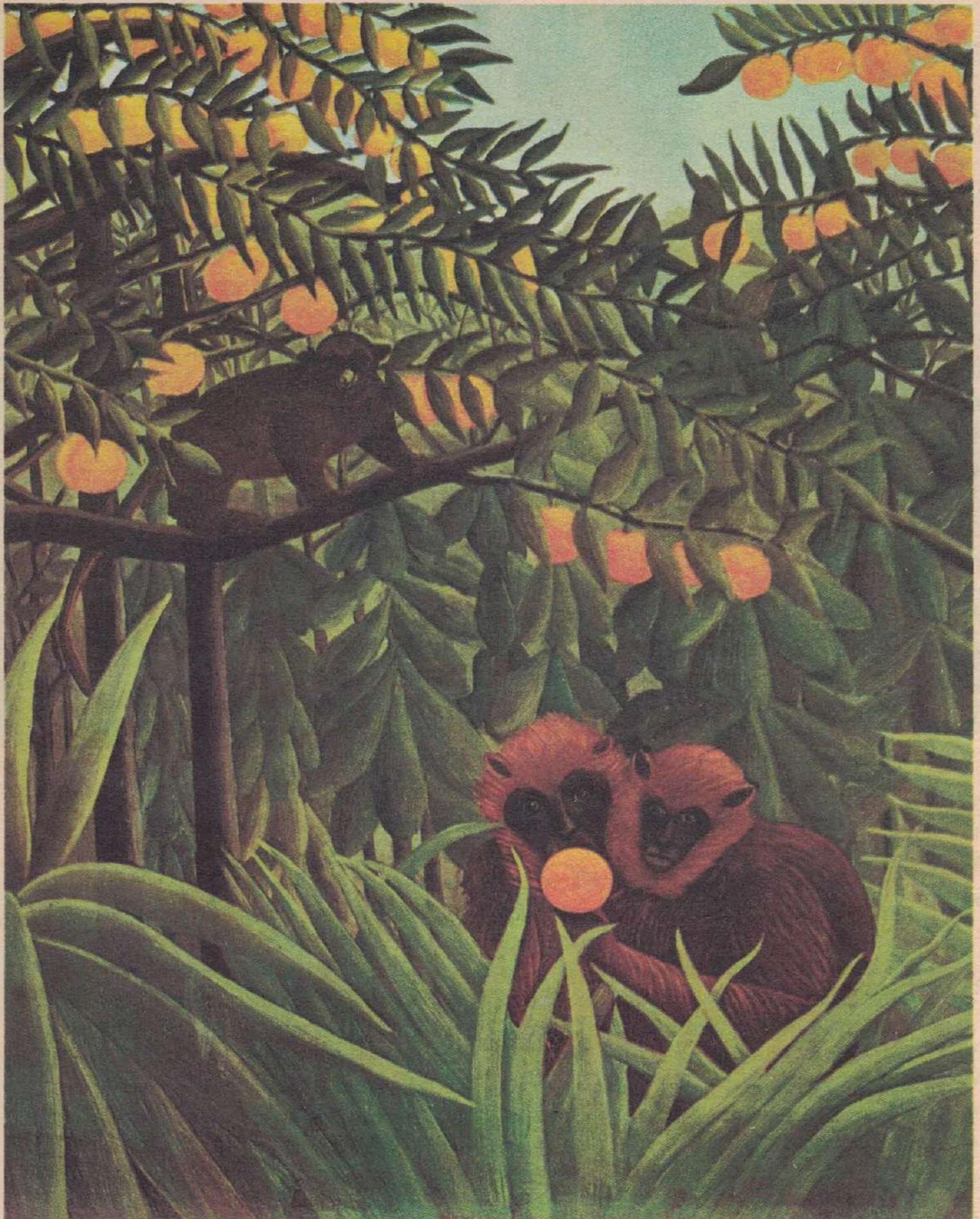
luz sôbre as origens da obra de Rousseau.

Passaram-se mais de 10 anos desde o meu primeiro encontro com a onça de Basileia. À medida que continuo a pesquisar a vida e a obra de Rousseau, mais me convenço de que a descoberta do álbum fêz mais que revelar o segrêdo da inspiração do pintor: ajuda-me também a compreender melhor o homem.

E que personalidade fantástica êle era! «Meu avô», diz Mlle. Bernard, «foi a vida tôda uma criança grande e inocente.» Como

muitas crianças, Rousseau era extremamente impressionável; para êle, as fronteiras da realidade tendiam a perder os contornos. Aterrorizado pelos animais que pintava, êle às vêzes corria à janela a fim de certificar-se de que estava mesmo em Paris, na vizinhança familiar de Montparnasse.

Assim, é natural que Rousseau tenha procurado os seus temas num livro para crianças. Ficou fascinado pelos animais e reproduziu-os escrupulosamente, chegando talvez a pontu de medi-los, como certa vez mediu o nariz de Apollinaire quando



Macacos na Floresta Virgem — *Metropolitan Museum of Art, Doação da Sr.ª Adelaide Milton de Groot, Nova York*

o poeta posou para um retrato.

Mas, felizmente para os amantes da arte, Rousseau criou algo muito maior que a semelhança fotográfica que êle tão minuciosamente buscava. O seu gênio deu aos animais a vida de que eram tão desprovidas as fotografias na volta do século. Tomemos ao acaso algumas das suas obras mais famosas: um leão enfia as garras num antílope; touros exóticos passam sob macieiras num pomar normando; macacos comem laranjas numa floresta surpreendentemente fria. Há nobreza no leão, serenidade nos touros, vivacidade nos macacos, impossíveis de encontrar em fotografias.

Mais que isto, o Douanier transferiu os animais do álbum para um mundo totalmente seu. Em alguns

casos, como no *Negro Atacado Por Onça*, colocou-os em florestas luxuriantes. Em outros, como *A Encantadora de Serpentes*, cercou-os de personagens nascidos da sua imaginação febril. «Êle deu vida a nuvens e a fôlhas de árvores», escreveu o poeta Paul Eluard. «Êle era até capaz de pintar sonhos.»

Mas, acima de tudo — e êsse era de longe o seu maior talento — Rousseau conservou a capacidade infantil de se maravilhar com a Natureza e as suas criaturas, e sabia transformá-las sob a luz de uma visão poética. Em suas mãos, um mundo nôvo e fantástico saiu do álbum dos *Animais Selvagens*, um mundo infantil, um mundo de saudade que os adultos reencontram em suas andanças pelos museus.



TENTANDO consolar um jovem escritor cujo manuscrito tinha sido rejeitado, o jornalista francês Jean-Loup Dabadie mostrou a carta que Marcel Proust recebera de um editor a respeito de *No Caminho de Swann*.

«Não consigo compreender», dizia a carta, «como uma pessoa possa levar 30 páginas descrevendo como ela se torce e se vira na cama antes de adormecer.»

— *Paris Match*



TINHA SIDO um inverno longo e frio e eu praticamente vivia metida num suéter velho e calças de brim grosso. Mas uma tarde resolvi tomar banho mais cedo e pôr um vestido bonitinho. A reação me serviu de lição. Meu marido chegou para jantar e perguntou: «Está esperando visitas?» Meu filho entrou e perguntou: «Vai sair?» E o garotinho do vizinho, que tem cadeira cativa diante da nossa televisão, levantou a cabeça quando passei pela sala e perguntou: «Quem é ela?»

— M. P.